

NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: O USO DA INTERNET COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTUDO DE HISTÓRIA

ROSANA ANDRÉA CIPRIANI GIAROLA*¹

INTRODUÇÃO

A ideia de pensar em trabalhar com o aluno da Educação Básica introduzindo a investigação pela pesquisa histórica era até a muito pouco tempo um utopia, pois a o lugar da pesquisa era relegada à academia. À sala de aula competia a reprodução do conhecimento escolar acumulado pela tradição, ou seja, competia ao professor utilizar-se do livro didático e/ou outros materiais didáticos pedagógicos considerados apropriados para esse fim. Adquirir conhecimento por meio de pesquisa na cultura escolar 15 anos atrás, seria colocar o aluno em uma biblioteca, indicar que capítulos ler no livro didático, a ler jornais e revistas relacionados ao tema escolhido. A qualidade deste trabalho estaria relacionada à quantidade de informações encontradas pelo aluno e aos recursos oferecidos no lugar em que se encontra pois, grandes centros urbanos, a possibilidade de se encontrar mais informações é infinitamente maior do que em uma cidade do interior com pouca oferta de recursos para a pesquisa, bibliotecas, livrarias, bancas de jornais, etc. Tal como afirma BOURDIEU (1998, p. 67): “O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado.”

Com o advento da informática, com suas redes digitais essa realidade mudou, a velocidade que as informações são trocadas promovem mudanças radicais na área do conhecimento, é possível afirmar que, nas próximas décadas, a educação vá se transformar estimulada pela incorporação das novas tecnologias. Um aluno, nos dias atuais, pode responder ao professor fazendo uma pesquisa em tempo real, em sala de aula, acessando a internet pelo seu celular trazendo informações atualizadas sobre o tema discutido.

A garantia de que todos desenvolvam as competências de buscar conhecimentos, saber comunicar-se, desenvolver o pensamento crítico é indispensável para se combater a desigualdades sociais. Ao manter uma postura tradicional e distanciada das mudanças sociais e tecnológicas, a escola pública acabará também por se marginalizar, contribuindo assim, para a manutenção dessas desigualdades.

*¹ Graduada em Filosofia pela Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei com licenciatura plena em História, Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ; Professora de História da Escola Estadual Dr. Garcia de Lima, São João del-Rei – MG; Professora supervisora PIBID/História/UFSJ.

O uso das novas tecnologias como instrumento de pesquisa, estimulando a busca de informações, analisando-as, selecionando-as, desenvolvendo a capacidade de aprender, criar, formular novos conhecimentos ao invés do simples exercício de memorização, é o objetivo do estudo aqui apresentado.

2

Para analisar de forma científica o uso de tecnologia como prática pedagógica, foi desenvolvido no mês de outubro/2011 uma atividade com o uso das novas tecnologias nas aulas de História, em seis turmas de primeiro ano do Ensino Médio da E.E.Dr. Garcia de Lima em São João del-Rei, MG. Após as atividades foi aplicada uma avaliação para verificação da aprendizagem com análise dos resultados das mesmas turmas, obtidos em março/2011 com aulas dentro da metodologia tradicional (leitura, interpretação do livro didático e exercícios). A pesquisa qualitativa foi aferida do questionário respondido pelos alunos envolvidos.

1- A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

No movimento tecno-social irreversível em que se encontra a humanidade nos dias atuais, a escola vive também sua própria busca de novos caminhos. Trata-se de um processo complexo, que envolve a redefinição de currículos, estratégias, abordagens e reconquista do respeito ao professor.

Ser professor na conjuntura atual em que as informações são constantemente dispostas nos mais variados meios de comunicação e o volume torna-se cada vez mais difícil de ser acompanhado em sua totalidade, educar e ensinar são grandes desafios para o profissional da educação. Portanto, um ensino crítico não pode estar fora desse movimento de produção, caso contrário torna-se indesejável e cansativo. Dessa forma, entendemos que uma educação interessante e prazerosa não pode estar fora desse movimento em que o conhecimento é em todo momento, produzido e renovado. Freire (1987), ao falar da prática docente, afirmava que os professores cujo sonho é a transformação da sociedade, tem que ter nas mãos um processo permanente de formação e não esperar do Estado.

Mas como fazer essa formação continuada se os professores enfrentam aulas demais, alunos demais, controle administrativos demais e incentivos de menos?

A velocidade com que as informações são repassadas assusta a maioria dos educadores, que olham como ameaça o avanço tecnológico na educação. É comum ouvir em ambiente escolar que a tecnologia irá substituir o papel do professor. Mas, o que mais assusta o professor na verdade, é a mudança de posições entre professor e aluno causada pelo avanço tecnológico pois, os alunos dominam melhor essa nova tecnologia do que a maioria dos professores.

3

É fato que a maioria dos professores ainda se encontram no papel de transmissores do conhecimento, com a internet proporcionando a todos informação a qualquer momento o professor se sente ameaçado dentro de seu papel de transmissor, sendo assim, é preciso reconhecer a necessidade de mudança metodológica.

A aprendizagem será significativa quando o conteúdo estiver presente no cotidiano dos educandos, é necessário considerar o conhecimento que os mesmos trazem consigo a partir de sua vivência.

(...)é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo. Tal processo supõe, igualmente, uma relação de diálogo entre professor e aluno que se dá a partir de posições diferenciadas, pois o professor continua sendo professor, é o responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades, criando condições para que se efetive a aprendizagem por parte do aluno. (CALLAI, 2002:92-93)

Portanto, não se trata da perda de posição do professor, mas de uma mudança pedagógica que leve a um aprendizado significativo, com a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento, estimulando-o à pesquisa, a buscar mais informações, a formular novos conceitos ao invés do simples exercício de memorização. A aula tradicional apoiada somente no livro didático não oferece atrativo para a geração atual que, em todo momento é bombardeada por estímulos oferecidos pela mídia e pela internet, assim, considerar o conhecimento do aluno no uso do computador para levá-lo a um novo aprendizado é o melhor caminho.

É importante ficar claro que quando se fala em uso de tecnologia não é simplesmente trocar o quadro negro por uma tela de computador, mas sim, usar todo recurso para explorar o máximo as fontes históricas (imagens, documentos, depoimentos, publicações do período estudado, etc.), estimulando o aluno a “fazer a história”, por isso a importância da participação e

interação entre professor e alunos. Em resposta à pergunta no questionário sobre as diferenças entre as aulas ministradas de forma tradicional (leitura e exercícios com o livro didático) e as aulas com o uso de recursos tecnológicos, encontra-se a seguinte resposta: “Fica mais dinâmico, os alunos interagem mais com o professor e participam mais” (aluno(a) E.E.Dr.Garcia de Lima). É possível perceber na fala do(a) aluno(a) uma valorização da relação professor e aluno enquanto diálogo pedagógico. Ao abordar os fundamentos da

4

concepção dialógica da educação, em seu livro *Medo e Ousadia*, dialogando com Ira Shor, Paulo Freire apresenta uma de suas melhores conceituações sobre diálogo pedagógico:

O que é diálogo, nessa forma de conhecimento? Precisamente uma conexão, essa relação epistemológica. O objetivo a ser conhecido, num dado lugar, vincula esses dois sujeitos cognitivos, levando-os a refletir juntos sobre o objeto. O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum do conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (1986, p.124).

Estar mais próximo da realidade e utilizar a tecnologia como recurso pedagógico, auxiliam o professor a manter esse diálogo com seus alunos, o domínio dessas tecnologias dá uma vantagem aos grupos que as utilizam de maneira adequada, da mesma forma que opor-se a ela seria uma forma de exclusão social que o professor, principalmente de escola pública jamais pode compactuar.

2- UMA PROPOSTA E EXPERIÊNCIA NO CHÃO DA SALA DE AULA: IMPLANTAÇÃO DA TECNOLOGIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO

O tema trabalhado foi a Revolução Industrial (conceito, evolução tecnológica, relação capital x trabalho, consequências sociais). A apresentação da aula foi feita no projetor com o uso de um Web site criado pela UFMG, onde é possível em apenas uma página incluir, textos, imagens, vídeos, que são apresentados aos alunos, não só como informação, mas como estímulo à busca de conhecimento. Ao término dessa aula foi proposto um trabalho em grupos, com o uso da internet como meio de pesquisa, os temas propostos voltados para o

debate e não apenas reprodução de informação. A aula fica disponível aos alunos na internet no endereço eletrônico.²

As apresentações dos alunos surpreenderam no dinamismo, nos debates, na quantidade de informações e no interesse em realizar os trabalhos, afinal essa é uma área de eles dominam muito bem. O estímulo à busca de informações, aliado a uma liberdade ao uso do computador como fonte de pesquisa, proporcionou uma aprendizagem espontânea onde o professor deixou

5

de ser o transmissor para ser colaborador diante das dificuldades dos alunos na hora das apresentações. Isso fez com que os alunos trabalhassem com fontes históricas de diversos tipos, identificando seu contexto de produção (tempo/espaço/sujeito) e relacionando-as entre si. Após as apresentações dos trabalhos, foi aplicada uma avaliação, com questões de vestibular e interpretação de texto referentes à Revolução Industrial que tinham como objetivo identificar e analisar o progresso técnico e científico europeu do século XVIII, seus efeitos sociais e ideológicos, compreendendo o sistema capitalista emergente e a resistência dos trabalhadores à nova organização do trabalho. Os resultados das avaliações foram analisados com os resultados das avaliações realizadas em março/2011 que tinham a mesma metodologia avaliativa, mas as aulas foram ministradas somente com o uso do livro didático.

Seus resultados foram avaliados da seguinte forma:

²<http://www.glogster.com/rosanaandrea/aula-ensino-medio/g-6m08fhlhm9ql5cmqbuf87a0>

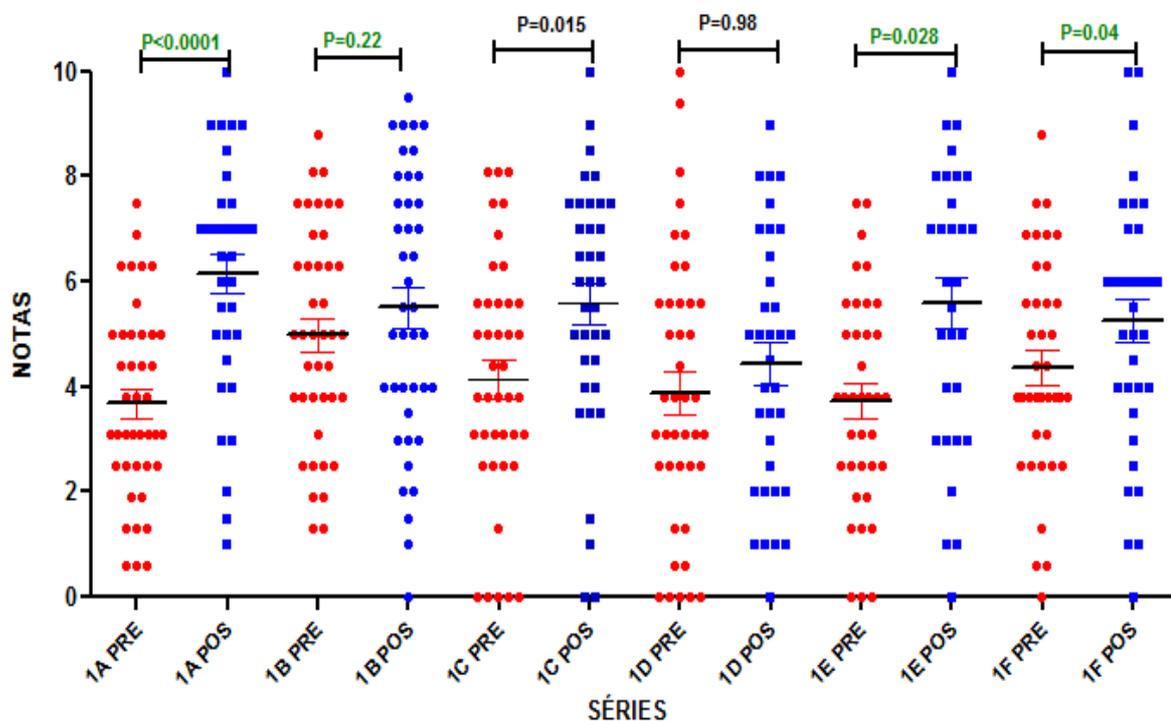


Figura1: Evolução das notas dos alunos dos primeiros anos do Ensino Médio pré e pós mudança metodológica conforme série analisada

O gráfico da Figura 1 mostra um aumento da média das turmas em relação à mudança metodológica, constatando um aprendizado significativo para os alunos, com exceção do 1º ano D, pois, 10 alunos não fizeram o trabalho em grupo. Essa ausência voluntária acabou por confirmar que a participação dos alunos no processo de aprendizagem é fundamental para um

6

conhecimento significativo. É importante observar que não houve grandes diferenças entre as turmas, tanto os alunos mais jovens quanto os repetentes apresentaram uma melhora significativa. Esses dados mostram uma possibilidade de se resolver problemas sérios de distorção idade/série escolar, uma mudança metodológica pode ser mais eficaz do que políticas públicas que acabam por segregar alunos em defasagem escolar em turmas de aceleração de aprendizagem. As competências desenvolvidas nessa metodologia não se referem apenas na capacidade de abstração de um contexto histórico, de sua compreensão parcial e fragmentada, mas da capacidade de desenvolver um pensamento divergente, de trabalhar em equipe, desenvolver o pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade

de buscar conhecimento. Competências essenciais para a formação de um cidadão crítico e participativo.

Analisando na Figura 2 a evolução dos resultados obtidos por todas as turmas juntas nos dois momentos propostos, é significativo o aumento da média das turmas e a probabilidade de **não** se chegar a esse mesmo resultado é de 1 em 1.000.

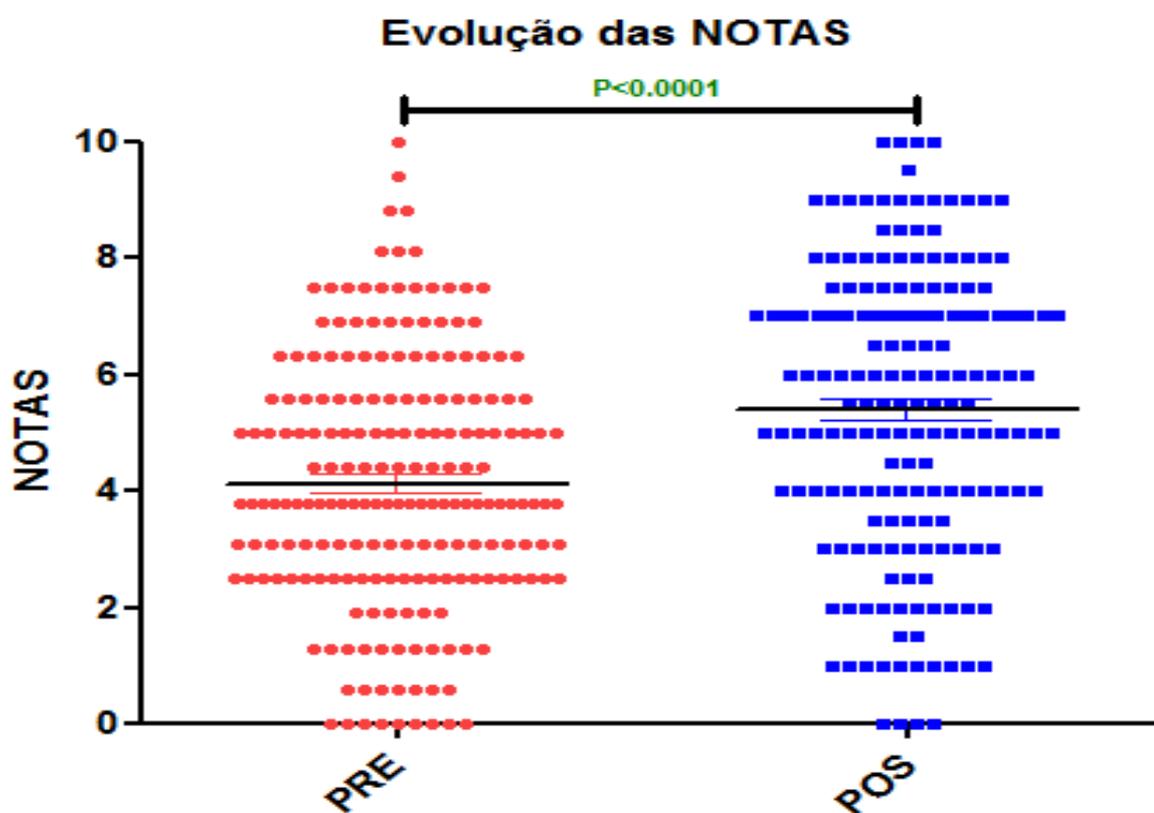


Figura2: Evolução das notas dos alunos dos primeiros anos do Ensino Médio pré e pós mudança metodológica

Para compreender melhor esse resultado é necessário uma análise do que levou esses alunos a se interessar mais pelo estudo de história e de como o uso da tecnologia influenciou nesses resultados. Considerar as habilidades que os alunos tem sobre o uso de tecnologias e incorporá-las na prática pedagógica é uma forma de estimular a capacidade de continuar aprendendo. Na pesquisa qualitativa observou-se que 90% dos entrevistados possuem conhecimento em informática, mas 100% utilizam a internet regularmente, 55% a utilizam para pesquisas escolares, enquanto 45% utilizam os livros além da internet e 0% utilizam

apenas os livros. Quanto à qualidade das aulas com o uso de tecnologia, 95% disseram ser mais interessante. Em relação à aprendizagem, 90% dos alunos consideraram que o conteúdo fica mais fácil de ser compreendido.

Todos esses dados demonstram o quanto a realidade do aluno podem intervir no processo de aprendizagem, a mídia, a internet está presente na vida do aluno e deve também estar presente em sua vida escolar. Mudar a postura do professor quanto ao seu trabalho em sala de aula não implica permanecer apenas no nível do conhecimento que é dado em seu conteúdo, mas visa gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade numa perspectiva autônoma e desalienante. Não há o que justifique memorizar conhecimentos que cujo acesso é facilitado pela tecnologia, é necessário priorizar o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O uso das novas tecnologias não significa a perda da importância do trabalho do professor, mas sim de uma nova postura diante de uma realidade, que oferece novas propostas pedagógicas e maior interação com os alunos.

São muitos os recursos tecnológicos oferecidos gratuitamente pela internet, mas é importante o direcionamento do professor para uma pesquisa em sites seguros aos alunos, ser criterioso e despertar o senso crítico nos educandos. Nos portais oficiais do governo e de revistas nas mais diversas áreas da educação encontram-se sugestões de aulas que podem ser adaptadas à cada realidade escolar. Isso para não dizer que, enquanto o professor está “navegando” para a elaboração de sua aula, está ao mesmo tempo se atualizando, adquirindo novas informações, conhecendo experiências exitosas de outros educadores e reciclando seu conhecimento.

A conscientização do professor de que sua formação é um processo contínuo que exige a superação de uma esfera espontânea de entendimento que lhe possibilite uma atitude mais crítica da realidade, não é, e nem deve ser, somente responsabilidade do Estado que tem como objetivo principal da educação sistemática a reprodução da ideologia dominante. Considerando a rapidez com que ocorrem as mudanças na área do conhecimento, é necessário

que o professor tenha a ousadia de investir em sua formação, na seleção dos conteúdos e na incorporação de instrumentos tecnológicos como ferramenta pedagógica.

Por outro lado é preciso considerar como envolver ativamente os alunos nos processos de aprendizagem da História, visando ao desenvolvimento de um raciocínio crítico e de sensibilidades para a participação política e social nos processos de mudança que requerem o tempo presente. Para isso, é necessário que a dinâmica de sala de aula fuja dos percursos tradicionais, em que as aulas são centradas na figura do professor, que se encarrega de expor conteúdos que, em seguida, devem ser memorizados pelos alunos. FREIRE, ao discursar sobre a motivação ao ensino e ao aprendizado dos alunos, assim se expressa:

Um momento é a produção de um conhecimento novo e o segundo é aquele em que o conhecimento produzido é conhecido ou percebido.[...] O que acontece, geralmente, é que dicotomizamos esses dois momentos, isolamos um do outro. Consequentemente, reduzimos o ato de conhecer do conhecimento existente a uma transferência do conhecimento existente. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir o conhecimento. (1987, p.18)

Para levar os alunos a raciocinar historicamente é necessário colocá-los em situações de ensino-aprendizagem propícias a esse desenvolvimento numa atitude de professor-investigador, de quem se indaga, de quem se pergunta, e busca os meios teóricos e práticos para entendê-las e superá-las. Estimulando assim, o raciocínio histórico, a capacidade de identificar permanências e mudanças entre o presente/passado e futuro, identificando simultaneidade de acontecimentos no tempo, suas diferentes dimensões da vida social e seus ritmos diferenciados de mudança dando significado aos fatos históricos.

O papel do professor é impulsionar o desenvolvimento e a aprendizagem por meio das interações realizadas em sala de aula e/ou fora dela, problematizando fontes históricas, formulando problemas e, para isso, devemos torná-los capazes de construir/reconstruir conceitos a partir do novo conhecimento adquirido.

A escola tem que ser um lugar em que a criança, o adolescente e o jovem queiram e gostem de estar, onde a aquisição de conhecimento deve ser algo prazeroso para competir com a rua, a mídia, a internet, as drogas etc.

Para que isso aconteça, o professor(a) tem que ter prazer em ser um educador(a) e assumir seu importante papel social, fazendo sempre uma auto-reflexão metodológica, buscando sempre uma formação continuada, de maneira que possibilite a formação de cidadãos críticos e participativos, que tenham iniciativa em procurar informações, que consigam fazer por si só uma leitura da realidade a partir de seu contexto histórico.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*/Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis,RJ: Vozes, 1998.

CARMELO, Eduardo. *Resiliência: A transformação como ferramenta para construir empresas de valor*. São Paulo: Editora Gente, 2008.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Resiliência: Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.

DEWEY, John. *Democracia e Educação: Introdução à filosofia da educação*. 3. Ed. São Paulo: Nacional, 1959

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 3ª ed. RJ: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HERNANDEZ, Fernando. *Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho*. Porto Alegre. Artmed, 1998.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARTE

LÜDKE; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, Clara Fedman de; MIRANDA, Marcio Lúcio de. *Construindo a relação de Ajuda*. 5. Ed. Belo Horizonte: Crescer, 1983).

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda (2000). *Política educacional*. Rio de Janeiro: DP&S

VEIGA, Ilma p. Alencastro (Org.). *Projeto Político Pedagógico da Escola: uma Construção Possível*. 28ª ed. Papiros Editora. São Paulo, 2010.

VEIGA, Ilma p. Alencastro; AMARAL, Ana Lúcia(Orgs.); SHEIBE, Leda; SANTOS, Lucíola Licínio de C.P.; DAMIS, Olg Teixeira; VIEIRA, Sofia Lerche. *Formação de Professores: Política e Debates*. 3ª ed. Papiros Editora. São Paulo, 2006.

VOIRIN, Pierre. *Educação de jovens difíceis*. Lisboa: Família 2000, 1972.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, (Psicologia e Pedagogia).